

O NOVO BESTSELLER DE J. KENNER,  
AINDA MAIS EXCITANTE

# Deseja-me

Romance

Ela pertence-lhe.  
Para o bem e para o mal.

J. Kenner

Para  
os fãs dos livros  
de *E L James*  
e *Sylvia Day*



TOPSELLER

— **F**alta pouco? — pergunto. — O sol já se pôs há pelo menos cinco minutos.

A vários metros de mim, o Blaine inclina-se e emerge parcialmente de trás da tela. Não me mexo, mas, pelo canto do olho, vejo-lhe os ombros, a cabeça calva e a pera de um vermelho escandaloso.

— Para mim, continuas banhada em luz. Agora, fica quieta e não fales.

— Tudo bem — respondo, ao que o ouço resmungar de irritação perante a minha evidente falta de respeito pelas suas regras.

Apesar de me encontrar nua à frente de uma porta, a nossa conversa parece absolutamente normal. Já estou habituada a isto. Habituada à forma como a brisa fria do oceano me entumece os mamilos. À forma como o pôr do sol suscita em mim algo tão profundo e intenso, que anseio por fechar os olhos e entregar-me à tapeçaria violenta de luz e cor.

Tornei-me indiferente ao facto de o olhar crítico do Blaine me percorrer e já não estremeço quando ele se aproxima tanto, que quase me toca num seio ou numa anca ao ajustar-me a postura para que fique no ângulo certo. Mesmo quando murmura algo como «Perfeita. Merda, Nikki, estás perfeita», o meu estômago já não se contrai e deixei de imaginar que cerro os punhos à laia de protesto, com as unhas a enterrarem-se na pele suave das palmas das minhas mãos.

Não sou perfeita — nem por sombras. Mas já não dou em doida quando oiço essas palavras simples.

Nem nos meus sonhos mais tresloucados me ocorrera que pudesse sentir-me tão à-vontade apesar de estar tão completamente exposta. É verdade que passei grande parte da minha vida a pavonear-me em palcos, mas, quando participava em desfiles, estava sempre vestida e, mesmo durante as competições em fato de banho, a minha intimidade permanecia recatadamente coberta. Imagino a mortificação da minha mãe caso me visse agora, de queixo erguido, costas arqueadas, um cordão de seda vermelha a prender-me os pulsos atrás e a descer por entre as minhas pernas para se enredar delicadamente à volta de uma coxa.

Há dias que não vejo a tela do Blaine, mas conheço-lhe o estilo e calculo como estarei, capturada com pigmentos e pinceladas. Efémera. Sensual. Submissa.

Uma deusa subjugada.

Não há dúvida: a minha mãe teria um chilikue. Eu, contudo, estou a gostar. Caramba, se calhar é por isso que estou a gostar. Livrei-me da Linda Princesa Nikki e troquei-a pela Nikki Rebelde, o que me sabe bem como o caraças.

Ouçõ passos nas escadas e obrigo-me a manter a pose, apesar de não haver nada que queira mais do que virar-me e olhar para ele. *Damien*.

Damien Stark é a única coisa acerca da qual não me tornei complacente.

— A oferta continua de pé. — As palavras do Damien precedem-no na subida dos degraus de mármore até ao 3.º andar. Não ergueu a voz e, no entanto, há nesta tanta força e confiança, que enche a sala. — Eles que analisem bem os lucros e as perdas. Não vão encontrar lucros e, no final do ano, nem sequer uma empresa terão. Estão em queda livre, e, quando se despenharem e perderem tudo, todos os funcionários irão para o desemprego, a empresa ficará morta, e as patentes arrastar-se-ão durante anos em processos litigiosos

enquanto os credores batalham pelos ativos. Se aceitarem esta proposta, darei nova vida à empresa. Tu tens noção disso. Eu tenho noção disso. Eles têm noção disso.

Os passos param, e apercebo-me de que ele chegou ao cimo das escadas. A divisão é ampla, planeada para receber gente, e normalmente alguém que subisse por aquelas escadas seria recompensado com uma vista panorâmica do oceano Pacífico.

Neste momento, é a mim que o Damien vê.

— Trata disso, Charles — diz, numa voz que entretanto ficou tensa. — Tenho de desligar.

Passsei a conhecer tão bem este homem. O corpo dele. O andar. A voz. E não preciso de o ver para perceber que a tensão na voz não se prende com a emoção de tentar fechar um negócio. É por minha causa e esse simples facto é tão inebriante como champanhe num estômago vazio. *Um império inteiro a requisitar a sua atenção, e, não obstante, neste momento, eu sou todo o seu mundo.* Sinto-me lisonjeada. Sinto-me tonta. E, pois, sinto-me excitada.

E, além de tudo isso, estou a sorrir, o que suscita uma reprimenda acutilante do Blaine.

— Raios, Nik. Livra-te desse sorriso.

— Mas a minha cara nem vai aparecer no quadro.

— *Eu* dou por isso — replica o Blaine. — Portanto, para.

Já está a provocar-me.

— Sim, *senhor* — riposto e, depois, quase solto uma gargalhada quando oiço o Damien tossicar, obviamente para disfarçar o seu próprio riso.

O «senhor» é um segredo nosso, o jogo a que nos dedicamos. Um jogo que, oficialmente, terminará logo à noite, agora que o Blaine está a dar os últimos retoques no quadro que o Damien lhe encomendou. A ideia é melancólica.

É certo que ficarei contente por não ter de passar mais horas imóvel. Até a emoção de desafiar o avassalador sentido de decoro da minha mãe parece de pouca monta, quando comparada com as

cãibras que tenho nas pernas no final destas sessões. No entanto, vou sentir a falta do resto; sobretudo, da sensação do olhar do Damien em mim. Das suas inspeções lentas e inflamadas que me deixam húmida entre as coxas e me obrigam a concentrar-me tanto para manter a posição, que o esforço se torna docemente doloroso.

E, sim, vou sentir falta do nosso jogo. Mas quero mais do que um jogo com o Damien e não sou capaz de evitar a ansiedade com que encaro o dia de amanhã e a certeza de que seremos apenas Damien e Nikki, sem nada entre nós. E, quanto a quaisquer segredos que permaneçam... bem, com o passar do tempo, também esses desaparecerão.

Agora, custa-me acreditar que comecei por me escandalizar com a oferta do Damien: 1 milhão de dólares pelo meu corpo. Pela minha imagem permanentemente exposta numa tela imensa; e pelo resto de mim às suas ordens, sempre e como lhe aprouvesse.

O meu choque fora substituído por um manifesto pragmatismo, a que se haviam juntado ardor e indignação em partes iguais. Eu desejava o Damien tanto quanto ele me desejava a mim mas, em simultâneo, queria castigá-lo. Isto porque tinha a certeza de que ele só via em mim a vencedora de concursos de beleza e que, quando tivesse um vislumbre da mulher ferida sob a camada de verniz, recuaria, pela afronta às suas expetativas e como forma de salvaguardar a carteira.

Eu nunca tinha ficado tão contente por me enganar.

Originalmente, acordáramos uma semana, mas esta transformou-se em duas, à medida que o Blaine se atarefava em volta da tela, a dar toquezinhos com a ponta de madeira do pincel no queixo e a resmungar que gostaria de ter só um pouco mais de tempo. Que queria que tudo ficasse — lá estava a palavra outra vez — perfeito.

O Damien acedera prontamente; afinal, tinha contratado o Blaine devido à crescente reputação deste artista local, e era inegável o seu talento para representar nus de grande carga erótica. Se o Blaine precisava de mais tempo, o Damien far-lhe-ia a vontade de bom grado.

Quanto a mim, se não me queixei, foi por motivos menos pragmáticos. Queria simplesmente que aqueles dias e noites com o Damien se prolongassem. À semelhança da minha imagem na tela, eu começava a ganhar vida.

Tinha-me mudado para Los Angeles apenas umas semanas antes, decidida a conquistar o mundo dos negócios com toda a maturidade dos 24 anos. A ideia de que um homem como Damien Stark me quisesse, e menos ainda o meu retrato, seria a última a passar-me pela cabeça. No entanto, teria sido impossível negar a chama que se ateava entre nós desde o momento em que eu o vira numa das exposições do Blaine. Ele tinha-me perseguido sem cessar, e eu dera o meu melhor por resistir, pois sabia que ele queria algo que eu não estava disposta a dar.

Eu não era virgem, mas também não tinha assim grande experiência. O sexo não é uma coisa para que alguém com o meu passado — com as minhas cicatrizes — se atire de cabeça. Um rapaz em quem confiara tinha-me magoado, e as minhas emoções ainda estavam tão à flor da pele como as cicatrizes que me marcavam o corpo.

O Damien, porém, não vê essas cicatrizes. Ou, para ser mais exata, vê-as como o que são: uma parte de mim. Marcas de batalhas daquilo que superei e com que continuo a debater-me. Enquanto eu julgava que as minhas cicatrizes refletiam uma fraqueza, ele vê-as como uma indicação de força. E é essa capacidade — de me ver tão completa e claramente — que me atraiu de forma tão irrevogável e absoluta para os braços deste homem.

— Estás outra vez a sorrir — diz o Blaine. — Nem preciso de três palpites para adivinhar em que estás a pensar. Ou em quem. Será que tenho de expulsar o nosso Medici da sala?

— Vais ter de te habituar ao sorriso dela — intervém o Damien antes que eu tenha oportunidade de responder, e, mais uma vez, só a custo não me viro e olho para ele. — Porque nada me fará sair desta divisão, a menos que a Nikki venha comigo.

Derreto-me com a suavidade de veludo da voz dele e sei bem que está a falar a sério. Passámos a tarde toda a ver montras em Rodeo Drive, para celebrar o emprego que consegui e que vou começar amanhã de manhã. Caminhámos ociosamente pelas ruas imaculadas, de mãos dadas, a bebericar mocas gelados carregados de calorias e a fingir que não existia mais ninguém no mundo. Até os *paparazzi*, esses abutres com câmaras que ficaram desagravelmente interessados nas mais pequenas coisas que eu e o Damien fazemos, nos prestaram pouca atenção.

Sylvia, a secretária do Damien, tinha tentado passar-lhe várias chamadas, mas ele recusara-se terminantemente a aceitá-las.

— Este tempo é nosso — dissera-me, respondendo à minha pergunta tácita.

— Será melhor alertar os jornais económicos? — brincara eu. — Os mercados não sofrem revezes quando Damien Stark tira um dia de folga?

— Estou disposto a arriscar o colapso financeiro global, se esse for o preço a pagar por algumas horas contigo. — Levantou-me a mão e beijou-me a ponta de cada dedo. — É claro que, quantas mais compras fizermos, mais incentivaremos a economia. — A voz dele era grave, sensual e plena de promessas sedutoras. — Ou talvez devêssemos voltar para o apartamento. Ocorrem-me várias maneiras interessantes de passar a tarde, e nenhuma delas tem impacto fiscal algum.

— É tentador — retorqui. — Mas acho que não aguentaria os remorsos de saber que tinha conseguido um orgasmo à custa do colapso financeiro.

— Acredita em mim, querida. Seria mais de um.

Eu rira-me, e, por fim, tínhamos conseguido evitar um desastre económico global (os sapatos que me comprou são mesmo o máximo) e ainda houvera tempo para um orgasmo meu. Três, na verdade. Se há coisa que o Damien é, é generoso.

Quanto ao telefone, o Damien manteve-se fiel à palavra. Apesar das vibrações constantes, ignorou-o até termos estacionado em

frente à casa de Malibu e eu insistir para que se apiedasse de quem quer que estivesse a ser tão persistente. Depois, apressei-me a ir ao encontro do Blaine, enquanto o Damien ficava para trás, a garantir ao advogado que o mundo não tinha desabado, não obstante o facto de ele não ter atendido o telemóvel durante algumas horas.

Estou tão perdida nos meus pensamentos, que nem me dei conta de que o Blaine se aproximou de mim. Toca-me no lábio inferior com a ponta do pincel, e eu assusto-me.

— Raios, Nikki, estavas mesmo longe daqui.

— Já acabaste?

Não me importo de posar, e o Blaine tornou-se um bom amigo. Mas, neste momento, só quero que se vá embora. Neste momento, só quero o Damien.

— Quase. — Ergue as mãos, observando-me através daquela moldura improvisada. — Aqui mesmo — diz ele, servindo-se do pincel para indicar o local. — A luz no teu ombro, a forma como a tua pele resplandece, a mistura de cores... — Deixa a frase a meio e regressa ao quadro. — Caramba — diz por fim. — Sou um génio, foda-se. Esta aqui és tu, miúda. Se não tivesse sido eu a pintar-te, juraria que poderias sair da tela.

— Então já está? Posso ir ver?

Sem pensar, viro-me, ocorrendo-me demasiado tarde que ele provavelmente queria que eu me mantivesse imóvel. No entanto, de repente isso não me importa. Todos os pensamentos se desvanecem. O Blaine, o quadro, o mundo à minha volta. Pois não é a pintura o que vejo. É o Damien.

Encontra-se exatamente onde eu o tinha imaginado, no último degrau, recostado ao corrimão de ferro forjado, com uma atitude descontraída e a parecer ainda mais apetitoso do que a ideia que eu fazia. Posso ter passado a tarde inteira na companhia dele, mas isso não interessa. Cada vislumbre que tenho do Damien é como ambrosia, e nunca me saciarei.

Assimilo a sua figura, demorando os olhos nas feições perfeitas. No maxilar definido acentuado pela sombra da barba a despontar. No cabelo revirado pelo vento, espesso, suave e tão familiar aos meus dedos. E nos olhos. Aqueles impressionantes olhos de duas cores que me fitam com tanta intensidade, que sinto o peso do olhar na minha pele.

Está de calças de ganga e uma t-shirt branca. No entanto, mesmo com uma indumentária tão informal, em Damien Stark nada é deixado ao acaso. É o poder personificado, a energia controlada. E o meu único receio deve-se ao facto de saber que não se pode capturar nem segurar um relâmpago — e eu não quero perder este homem.

O olhar dele encontra o meu, e a ligação faz-me estremecer. As máscaras do atleta, da celebridade, do empreendedor e do multimilionário caem e deixam apenas o homem e uma expressão que me aquece o sangue e me revolve o íntimo com desejo. Uma expressão que é tão pura e primitiva, que, se eu não estivesse já nua, decerto todas as costuras da roupa se transformariam em cinzas, incineradas pelo calor dos olhos dele.

Arrepio-me e tenho de me refrear para não me mexer.

— Damien — sussurro, incapaz de resistir a sentir o nome dele nos lábios. A palavra parece pairar pela divisão, flutuando no ar denso entre nós.

Junto ao cavalete, o Blaine pigarreia. O Damien vira-se o suficiente para olhar para ele, e tenho a impressão de que lhe deteto surpresa no rosto, como se se tivesse esquecido de que não estamos a sós. Com umas quantas passadas, coloca-se junto ao artista, diante do enorme retrato. De onde estou, vejo a estrutura de madeira sobre a qual a tela se estica e, ao lado, os dois homens a estudarem uma imagem que me está ocultada.

Sinto o coração a latejar contra a caixa torácica e não desvio o olhar do rosto do Damien. Há algo de extasiado nos olhos dele, como se estivesse a observar um objeto de veneração, e a sua aprovação

silenciosa deixa-me sem forças nos joelhos. Quero estender uma mão e amparar-me na estrutura da cama ao lado da qual estou a posar, mas ainda tenho os pulsos atados atrás das costas.

A minha imobilidade recorda-me a situação e tento conter outro sorriso — não sou livre. Sou do Damien.

No conceito original do Blaine e do Damien para este retrato, eu limitava-me a ficar naquele sítio, com as cortinas diáfanas a flutuar à minha volta e o rosto virado na direção oposta à do artista. A imagem era sensual mas apática, como se alguém almejasse por aquela mulher, mas nunca fosse tocar-lhe. O Damien sugeriu que opuséssemos as cortinas livres que roçavam ao de leve a minha pele à constrição de um cordão vermelho como sangue, e que eu ficasse de mãos atadas atrás das costas.

Não hesitei antes de concordar. Eu queria o homem. Queria estar ligada a ele. Pertencer-lhe. Ser reclamada por ele.

A minha imagem já não seria inatingível. Em vez disso, a mulher no retrato passava a ser um prémio. Uma deusa efêmera domada por um homem digno do feito.

*Damien.*

Perscruto o rosto dele, em busca de pistas para o que pensará do retrato, mas nada vejo. Trata-se da sua expressão empresarial, a máscara indecifrável que usa para não revelar segredos. Damien é extremamente talentoso a ocultar segredos.

— Então? — pergunto, quando já não aguento mais. — O que achas?

Durante mais um momento, o Damien permanece calado. A seu lado, o Blaine agita-se, enervado. E, apesar de decorrerem apenas alguns segundos, o ar carrega-se do peso da eternidade. Quase sinto o sabor da frustração do Blaine e compreendo o impulso que o leva por fim a insistir:

— Vá lá, meu. Está perfeito, não está?

Os ombros do Damien sobem e descaem quando ele inspira profundamente e encara o Blaine com respeito.

— Está mais do que perfeito — diz, virando-se para mim. — É ela.

O sorriso presunçoso do Blaine parece um raio de sol.

— É verdade que nunca tive pejos de me vangloriar, mas isto é... bem, uau. É real. É sensual. Mais do que qualquer outra coisa, é honesto.

Os olhos do Damien não se desviam de mim, e eu inspiro tremulamente. A minha pulsação lateja tão alto, que me admiro por conseguir ouvir algo mais. Tenho a certeza de que o movimento ascendente e descendente do meu peito será visível e receio que o Blaine seja capaz de se dar conta de que estou desesperadamente a tentar conter a fonte de desejo que borbulha violentamente dentro de mim. Preciso de me esforçar ao máximo para não pedir ao Blaine que saia da divisão, para não gritar ao Damien que me beije. Que me toque.

Um *bip* agudo interrompe o silêncio carregado, e o Damien saca o telemóvel do bolso com um gesto brusco; pragueja ao ler a mensagem de texto que recebeu. Vejo as sombras que se lhe condensam no rosto enquanto volta a guardar o telemóvel, sem ter respondido. Contraio os lábios à medida que a minha pele se vai arrepiando, um primeiro sinal de preocupação.

O Blaine, de cabeça inclinada e a inspecionar a tela, não dá por nada.

— Nik, não te mexas. Quero só retocar a luz aqui neste sítio e...

O toque estridente do telemóvel do Damien interrompe-o. Esperava que ignorasse a chamada, como fez com a mensagem, mas surpreende-me e atende. No entanto, não o faz sem antes sair da divisão com passos tão lesto e firmes que mal ouço a pergunta ríspida:

— O que foi?

Não corresponde ao meu olhar.

Obrigo-me a permanecer estática, segundo o pedido do Blaine, combatendo uma vaga súbita de medo. Não se trata de um telefonema

profissional; Damien Stark não se inflama por causa de negócios. Pelo contrário, adora a perseguição, a conquista.

Não, isto é outra coisa, e eu não consigo deixar de me lembrar das ameaças que lhe foram feitas e dos segredos que sei que ainda guarda. Damien viu-me nua de todas as formas possíveis. E, contudo, parece que eu apenas tive vislumbres dele, e sempre ocultados por sombras.

*Tem lá calma, Nikki.* Querer privacidade para atender uma chamada não é indício de uma grande conspiração para ocultar o seu passado ou algum perigo novo.

Eu tenho perfeita noção disso. Mais, acredito nisso. Mas a racionalidade sã não tranquiliza a pequena pontada no meu coração, nem o nó de medo que se instala na minha barriga; para mais, estar imóvel, nua e atada não é o caminho mais direto para pensamentos sensatos. É antes uma estrada retorcida e serpenteante de angústia existencial, pela qual me lanço subitamente sem travões, ao mesmo tempo que me odeio por ir por ali.

Quero abraçar-me, mas os pulsos atados impossibilitam essa ação.

A verdade é que tenho andado com a cabeça feita em água desde que o meu antigo patrão ameaçou o Damien. A empresa do Carl tinha apresentado um projeto à Stark Applied Technology, e, quando o Damien o recusou, o Carl culpou-me. Também me despediu, mas isso não lhe bastou, e, da última vez que o vi, ele jurou dar cabo do Damien. Até agora, nada aconteceu. Todavia, o Carl é determinado, tem muitos recursos e, segundo julga, a razão está do seu lado. Na sua opinião, o Damien esmagou um dos negócios mais importantes que ele tinha em vista. A perda projetada de capital deve encontrar-se na ordem dos milhões, e o Carl não é o género de homem que considere quer o dinheiro, quer a afronta como águas passadas.

Incomoda-me o facto de nada ter acontecido, ao fim de mais de uma semana. O que poderá significar o seu silêncio? Tenho pensado

e repensado, chegando somente a uma conclusão: a de que algo realmente aconteceu e que Damien optou por não me contar.

Posso estar enganada — espero que sim. No entanto, a preocupação e o receio entrelaçam-se dentro de mim, sussurrando maliciosamente que, apesar de o Damien ter trazido à luz todos os meus segredos, os seus continuam envolvidos em sombras cinzentas.

— Bem, caramba, Nikki. Agora estás de sobrolho franzido. — A censura do Blaine é acompanhada por uma risada. — Às vezes gostava de ser capaz de entrar nessa tua cabeça. Adoraria saber o que estás a pensar.

Consigo sorrir-lhe.

— Estava perdida em pensamentos — respondo. — Mas não eram maus.

— Ainda bem — diz ele, embora haja interrogações no seu olhar e talvez até alguma preocupação.

Fico a pensar no que lhe terá contado a Evelyn, a sua amante, que conhece o Damien desde a infância, acerca do passado deste. Isso leva-me a perguntar-me se o Blaine saberá mais do que eu a respeito do homem que me tem consumido tão completamente. Tal ideia só me faz carregar mais o cenho.

O Damien passa apenas alguns minutos fora da divisão, e, quando volta, sou avassalada pela vontade de lhe correr para os braços.

— O que se passa?

— Nada que olhar para ti não melhore.

Rio-me, esperando que ele não repare que o som é superficial. Mais uma vez, adotou a expressão que mostra em público. Porém, eu não sou o público e percebo que algo se passa. Fito-o intensamente, à espera de que o seu olhar vá ao encontro do meu. Quando isso acontece, é como se um interruptor tivesse sido ligado. As linhas severas da boca dele curvam-se num sorriso genuíno, e eu volto a resplandecer com o brilho do Damien.

Este caminha na minha direção, e a minha pulsação acelera ao ritmo dos seus passos. Detém-se a escassos centímetros de mim e,

de súbito, custa-me muito respirar. Depois de tudo o que fizemos juntos — depois de todas as mágoas que me mitigou e de todos os segredos que viu —, como será possível que cada momento com ele seja como o primeiro?

— Fazes alguma noção da importância que tens para mim?

— Eu... — Inspiro e tento de novo. — Sim — respondo. — Tanta quanta tu para mim.

Fico aprisionada pelo calor do olhar e da proximidade dele. Não está a tocar-me, mas é como se estivesse. Neste momento, nada em mim é mais do que um reflexo do Damien, do que sinto por ele e do que ele me faz. Quero apaziguá-lo, quero acariciar-lhe a face e passar os dedos pelo cabelo dele. Quero puxar-lhe a cabeça para o meu peito e sussurrar-lhe palavras suaves; e quero fazer amor com ele, lenta e docemente, até as sombras da noite desaparecerem e a luz da manhã nos banhar com as suas cores.

Da sua posição junto à tela, o Blaine tossica educadamente. Os lábios do Damien curvam-se num sorriso que corresponde ao meu. Nada fizemos, além de fitarmos os olhos um do outro, mas parece que o artista testemunhou algo profundamente íntimo.

— Pois, muito bem. Então vou andando. O *cocktail* de sábado só começa às sete, não é? Então passo por cá à tarde e vejo se são necessários alguns retoques de última hora. E penduro o quadro quando instalar o resto das telas em cavaletes.

— Perfeito — responde o Damien, sem olhar para ele.

— Tenho de confessar — acrescenta o Blaine enquanto guarda as suas coisas — que vou sentir falta disto.

Por um mero instante, parece-me ver alguma melancolia nos olhos do Damien, mas é uma impressão muito passageira.

— Sim — confirma ele. — Eu também.

Não dou bem pela partida do Blaine; apercebo-me simplesmente de que ele já não se encontra presente, de que o Damien ainda ali está e de que continua a não me tocar. Começo a achar que vou enlouquecer, se demorar muito a sentir as mãos dele no corpo.

— Já está mesmo acabado? — pergunto. — Ainda não o vi.  
— Anda cá.

Estende a mão, e eu volto-me, oferecendo-lhe as costas, à espera de que me liberte. Ele, contudo, não o faz. Em vez disso, poussa a mão num dos meus ombros e encaminha-me para a tela. Tenho de me mexer com cuidado, por causa do cordão de seda vermelha enrolado à volta da minha perna esquerda, mas ele não faz o mais pequeno esforço para me desemaranhar. E muito menos se dá ao trabalho de me passar o robe que se encontra ao fundo da cama.

Faço uma careta e arqueio as sobrancelhas, à laia de pergunta. O Damien nem sequer finge não compreender.

— Ora, Menina Fairchild, certamente não esperará que eu estrague uma oportunidade tão incrível.

— Hum. — Tento que o som pareça ríspido, mas tenho praticamente a certeza de que ele deteta o riso no meu tom.

Todavia, não responde, pois chegámos ao quadro. Arquejo: sou eu, sim. A curva do meu traseiro, a protuberância do meu seio. Mas ali há mais do que eu. A imagem é sedutora e submissa, forte, ainda que vulnerável. Também é anónima, tal como o Damien me prometera. No retrato, estou de rosto voltado, e os meus caracóis louros estão presos no alto da cabeça, com alguns fios soltos a acariciarem-me o pescoço e os ombros. No mundo real, esses caracóis já não existem, pois cortei recentemente as madeixas longas e tenho o cabelo pelos ombros.

Franzo o sobrolho, recordando o peso da tesoura na mão e a forma como ataquei o cabelo quando o que de facto queria era levar aquela lâmina afiada à pele. Estava tão perdida nessa altura, certa de que a única maneira de me reencontrar seria agarrar-me à dor como a um salva-vidas.

Estremeço. Não se trata de uma memória que me agrade.

Automaticamente, o meu olhar desce até às pernas da rapariga do retrato. Mas as coxas dela — *as minhas* — estão juntas e numa posição que não permite que se veja a pior das cicatrizes. Contudo,

a marca na minha anca esquerda é visível, se bem que o Blaine tenha conseguido fazer com que esse vergão saliente seja parte da beleza da pintura. As extremidades estão esbatidas, quase como se fossem vistas através de uma lente que as desfocasse, e o cordão vermelho passa sobre a pele magoada, como se as feridas tivessem sido causadas por estar demasiado presa.

Ao fim e ao cabo, talvez seja isso mesmo.

Desvio o olhar, enervada pela realidade inegável de a rapariga na tela ser linda, apesar das cicatrizes.

— Nikki?

Com um olhar de esguelha, vejo que o Damien me observa a mim, não ao quadro, e que há preocupação no rosto dele.

— Ele tem talento — comento, com os lábios a acomodarem um sorriso conjurado. — É um retrato maravilhoso.

— Pois é — concorda ele. — Está tudo exatamente como eu quero.

Há um ardor que me é familiar na voz dele e compreendo tanto as palavras ditas como o que fica por dizer.

Sorriso; desta vez não me parece falso.

O Damien olha para mim e vejo a luz afoita no seu olhar.

— O que foi? — pergunto, divertida mas também receosa.

Ele encolhe os ombros e lança um novo olhar ao quadro.

— Vai ser um milagre conseguir trabalhar neste espaço. — Inclina a cabeça na direção da parede de pedra por cima da lareira, onde o quadro será pendurado. — E não devia mesmo receber gente aqui.

— Então? — Ele tem um *cocktail* marcado para esta precisa divisão dentro de apenas dois dias.

Solta uma gargalhada.

— Creio que é uma falta de educação o anfitrião de uma festa estar com um tesão permanente.

— Bem, então talvez devesse ter planeado pendurar o quadro no quarto.

— No meu quarto não preciso da imagem, se tenho o modelo a sério.

— E tens — replico num tom provocador. — Comprado e pago. Pelo menos até à meia-noite, altura em que me transformo em abóbora.

Os olhos dele ensombram-se, e toda a diversão os abandona.

— Meia-noite — repete. Admiro-me da rispidez que lhe ouço na voz. Afinal, não se dá o caso de eu ir mesmo transformar-me em abóbora quando o nosso jogo chegar ao fim. E decerto não irei embora... a bem da verdade, não quero ir-me embora nunca. Tudo o que mudará será o facto de deixar de haver regras: não haverá «senhor», não haverá ordens, não haverá palavras de segurança. Haverá cuecas e sutiãs e calças de ganga se eu quiser. E, sim, haverá 1 milhão de dólares.

Mas, acima de tudo o mais, continuará a haver o Damien.

— Segue-me — diz ele.

Mais uma vez, olho de relance para a minha perna, após o que agito um pouco as mãos atadas.

— Solta-me.

Ele permanece imóvel por um momento, de olhos fixos nos meus, e percebo que continuamos com os jogos. Sinto a pulsação a latejar na garganta e tenho os mamilos eretos. As minhas mãos, presas atrás das costas, puxam-me os ombros para trás e projetam-me os seios, que estão carregados, carentes; passo os dentes pelo lábio inferior enquanto espero silenciosamente pelo toque do Damien.

Um jogo, sim. Mas agrada-me. Neste jogo, não há perdedores.

Devagar, ele percorre-me o corpo com o olhar. Estou a ofegar e tenho gotículas de suor a formarem-se na nuca. Sinto a humidade entre as coxas, a necessidade tremente, e só com todas as forças me mantenho calada e quieta em vez lhe implorar que me possua por favor, por favor. A cama está a escassos metros de nós, o adreço que o Damien trouxe para o retrato. *Ali*, apetece-me gritar. *Leva-me já para ali*.

Mas não o faço. Porque conheço este homem. E porque, sobretudo, sei que, com ele, vale sempre a pena esperar.

Por fim, ele baixa-se e desamarra o cordão à volta da minha perna; porém, quando chega aos pulsos, para, deixando-mos presos atrás das costas, com a seda vermelha a cair como uma cauda.

— Damien — censuro-o, tentando soar severa, mas sem conseguir esconder o divertimento (e a excitação) na voz. — Julgava que ias libertar-me.

— Comprada e paga, lembras-te?

— Oh. — A exclamação pouco mais é do que uma exalação.

— Vem — diz, e o sentido duplo do verbo não me passa despercebido, especialmente quando ele faz o cordão deslizar de trás para a frente entre as minhas pernas e depois puxa a ponta como se fosse uma trela. Uma trela muito erótica e sedutora. A seda suave atormenta-me o sexo carente, a fricção do cordão entrelaçado enfraquece-me de tal modo as pernas, que não tenho a certeza de ser capaz de chegar aonde quer que ele esteja a levar-me.

Puxa-me suavemente mas de forma aliciante, e, quando chegamos à casa de banho digna de um *spa*, estou tonta de desejo. Tenho fogo a percorrer-me o corpo e olho com avidez para os oito jatos de duche estrategicamente dispostos. A ideia de ter o Damien atrás de mim, com as mãos nos meus seios e os lábios a perpassarem-me o pescoço é quase mais do que consigo suportar e chego mesmo a gemer.

Ao meu lado, o Damien ri-se.

— Mais tarde — sussurra. — Neste momento, tenho outra coisa em mente.

Vou revendo as possibilidades a toda a brida. Já renunciámos à cama. Ele ignorou resolutamente a minha sofreguidão pelo duche. E, pelo que me parece, não está a prestar atenção alguma à banheira profunda e com jacúzi.

Não faço a mais pávida ideia do que terá em mente — mas não me importa. A noite já não tem que ver com o destino, mas antes

com a viagem. E, tendo em conta o toque da mão do Damien no meu ombro e a pressão atormentadora do cordão contra o meu sexo, esta viagem está a revelar-se deveras agradável.

O quarto de vestir para o qual me leva tem no mínimo o tamanho da sala de estar do apartamento que partilho com a Jamie em Studio City. Não é a primeira vez que aqui venho, mas continuo a ter a sensação de que preciso de um mapa para me orientar.

Também precisaria de anos para usar todas as roupas que o Damien me comprou. E apesar do facto de o lado esquerdo do quarto estar a abarrotar, tenho quase a certeza de que foi acrescentada pelo menos uma dúzia de roupas desde a última vez que me vesti aqui.

— Não me lembro de ter visto aquele — digo, apontando para um vestido prateado que cintila sob a luz ténue e parece suficientemente curto e justo para não deixar o que quer que seja à imaginação.

— Não? — O sorriso dele é lento e encantador, correspondendo ao olhar que me percorre. — Posso assegurar-te de que isso deixará de ser um problema assim que o vestires. Ninguém será capaz de o esquecer.

— Muito menos tu? — provoco-o.

Os seus olhos ensombrecem, e ele aproxima-se mais; o movimento dá folga ao cordão, que se afasta do meu corpo. No entanto, o meu desapontamento pela perda de contacto dura pouco. O Damien está mesmo aqui, a escassos centímetros de mim, e o ar entre nós parece vibrar. Toda eu me arrepio, como se estivesse no meio de uma tempestade, rodeada de perigo crepitante. Arquejo quando o polegar dele me acaricia ao de leve o contorno do maxilar. Entreabro os lábios. Quero sentir-lhe o polegar nos lábios, dentro da boca. Quero prová-lo. Quero consumi-lo, tal como me consome o fogo da sua proximidade.

— Seria incapaz de esquecer o que quer que fosse sobre ti — diz ele. — Estás gravada na minha memória. O teu cabelo a

brilhar à luz da vela. A tua pele, molhada e suave, quando saís do duche. A forma como te mexes debaixo de mim quando fazemos amor. E a forma como olhas para mim, como se não houvesse nada que pudesses ver dentro de mim que te levasse a querer ir embora.

— Não há — respondo suavemente.

O Damien nada diz, mas mantém o olhar fixo em mim. Aproxima-se mais, tanto que os meus mamilos tocam ao de leve no algodão suave da sua t-shirt. O choque do contacto é elétrico, e contendo um grito. Toda eu estremeço, e, à medida que ele me acaricia o braço nu com as pontas dos dedos, tudo o que me ocorre é que quero encostar-me a ele. Quero o Damien dentro de mim. À bruta, com carinho, tanto me faz. Só preciso dele, aqui e agora.

— Como? — digo, mal capaz de obrigar a pergunta a passar pelo alto que se formou na minha garganta.

— Como o quê?

— Como é que consegues fazer amor comigo apenas com um toque leve como um suspiro?

— Sou um homem muito expedito. Pensava que sabias. — A comissura da boca dele treme, e vejo o indício de uma centelha nos seus olhos. — Talvez deva oferecer-te uma demonstração mais imaginativa...

— Imaginativa? — repito. Tenho a boca seca.

— Vou fazer com que te venhas, querida Nikki. Sem o toque das minhas mãos, sem a carícia do meu corpo. Mas ficarei alerta. Verei a forma como os teus lábios se entreabrem, como a tua pele ruboriza. Verei como tentarás controlar-te. E vou contar-te um segredo, Nikki. Também me custará manter o controlo.

Apercebo-me de que dei um passo atrás enquanto ele falava e que agora estou encostada à cómoda que separa o hemisfério feminino deste imenso quarto de vestir do hemisfério masculino. Ainda bem, pois, sem este suporte robusto, duvido de que as pernas bambas me mantivessem de pé.

— O que vais fazer?

Não compreendo por que diz que vou tentar controlar-me. Aprendi muitas coisas desde que estou com este homem, e uma delas é que, com ele, sou livre de desviar por completo. Nesse caso, por que haveria de querer controlar isso? Por que haveria ele de esperar que eu o fizesse?

O Damien não responde à pergunta, e dou por mim a morder o lábio inferior e a observá-lo de olhos semicerrados, enquanto tento discernir alguma pista quanto às suas intenções. Afasta-se de mim, e, ainda que eu tenha a certeza de que não passa de imaginação minha, o ar parece arrefecer com a distância crescente. O cordão que tinha caído ao chão torna a elevar-se. O Damien detém-se a cerca de 30 centímetros de mim, mas continua a puxar o cordão, eliminando a folga para o fazer subir entre as minhas pernas. Os movimentos dele são lentos, mas não tardo a senti-lo de novo. Estou tão excitada, que o contacto me faz arquejar, com o corpo a tremer com aquilo que não é um orgasmo, mas quase.

Os meus olhos fitam os do Damien, e vejo o seu sorriso vitorioso.

— Não se preocupe, Menina Fairchild — declara. — Prometo que haverá mais como esse.

Dá um passo na minha direção, continuando a eliminar a folga, para que o cordão nunca deixe de estar em contacto com o meu corpo. Cada movimento leva a trança suave a mexer-se ligeiramente; fecho os olhos e concentro-me em não morder o lábio e em não abanar as ancas. Não sei que tipo de jogo encetou o Damien, mas sei que quero que dure.

Os dedos dele passam pelo meu pescoço, e abro os olhos de imediato. Inclino a cabeça para o ver, mas ele não olha para mim. Está concentrado na sua tarefa.

Está concentrado em atar o cordão à volta do meu pescoço.

Engulo em seco, sentindo uma tempestade de emoções dentro de mim. Há excitação, sim, mas misturada com medo. Não sei bem de quê. Não tenho medo do Damien. Nunca poderia ter medo

do Damien. Mas, Deus meu, por que está ele a atrelar-me? E quanto apertará o nó?

— Damien — chamo-o, surpreendida por as minhas palavras soarem num tom normal —, o que estás a fazer?

— O que quero — diz ele e, ainda que as palavras não respondam à minha pergunta, sou invadida por uma vaga de alívio, a que se segue uma expectativa deliciosa.

Foi assim que tudo começou entre nós, com aquelas três simples palavras. E, verdade seja dita, não quero nunca que acabe.

Para mim, a nossa obsessão é ferozmente, incrivelmente real.

Para o Damien é um jogo.

O Damien precisa de mim, precisa de estar em controlo. As suas necessidades são palpáveis: ele precisa de sentir prazer. Lindíssimo e absolutamente brilhante, é também alguém que vive uma enorme tortura interior. Somos, em todos os aspetos, o par perfeito.

Concordei em ser só dele, mas agora quero que ele seja só meu. Quero que nos amemos para além das fronteiras mais doces do nosso êxtase, até aos desejos mais profundos das nossas almas. Quero que o fogo que arde entre nós nos consuma.

Mas existem recantos obscuros dentro do Damien que nem a nossa paixão mais selvagem poderá tocar. Anseio por conhecer os seus segredos, anseio pelo momento em que ele se entregue a mim como eu me entreguei a ele. Mas os nossos passados sombrios tanto nos poderão juntar como afastar... irremediavelmente.

Para os fãs de *As Cinquenta Sombras de Grey* e de *Rendida*, eis mais um capítulo da história de uma paixão arrebatadora que já conquistou o coração e a fantasia de milhões de leitores em todo o mundo.

Não perca os outros livros intensos da mesma autora:

*Liberta-me* (já publicado)

*Completa-me* (setembro de 2014)



Espreite o vídeo deste livro no ecrã de um telemóvel.



**TOPSELLER**  
livros que se devoram

20/20 editora

ISBN 978-989-8626-32-5



9 789898 626325

www.topseller.pt